

O comportamento do verbo modal *poder* no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol

(The behavior of the modal verb *poder* in self-help discourse:
a research in Portuguese and Spanish)

Anna Flora Brunelli¹, Sandra Denise Gasparini Bastos²

¹Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – Universidade Estadual Paulista (UNESP/SJRP)

²Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista (UNESP/SJRP)

anna@ibilce.unesp.br, sandradg@ibilce.unesp.br

Abstract: This paper aims to contribute with the studies on the modal verb *poder* as an auxiliary verb, by analyzing, from a functionalist perspective, how it behaves, both in Brazilian Portuguese and Spanish, in self-help discourse. In order to do so, we have resorted to the classification of modalities by Hengeveld (2004), with special focus on the notions of target of evaluation and domain of evaluation.

Keywords: verb *poder*; modality; self-help discourse.

Resumo: Neste trabalho, procuramos contribuir com os estudos referentes ao emprego do verbo modal *poder* na condição de verbo auxiliar, investigando, de uma perspectiva funcionalista, como esse verbo se comporta no português brasileiro e no espanhol peninsular, no discurso de autoajuda. Para tanto, utilizamos a classificação das modalidades proposta por Hengeveld (2004), considerando especialmente as noções de alvo de avaliação e domínio de avaliação.

Palavras-chave: verbo *poder*; modalidade; discurso de autoajuda.

Introdução

O verbo auxiliar modal *poder* nem sempre é tratado nas gramáticas normativas do português. Por exemplo, Cegalla (1980), Cunha (1990) e Cunha e Cintra (1985) não fazem nenhuma referência a *poder* como verbo auxiliar. Sacconi (1994), por sua vez, apresenta-o entre os verbos auxiliares modais, “que exprimem o modo segundo o qual o emissor encara o processo” (SACCONI, 1994, p. 196). O verbo *poder* aparece agrupado com vários outros verbos classificados como auxiliares modais, porém não há nenhuma referência sobre qual seria a semelhança ou diferença entre eles.

Bechara (1999) apresenta os verbos modais como elementos que se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal. O verbo *poder* aparece incluído entre os auxiliares de possibilidade ou capacidade. Kury (1999) também faz referência aos verbos auxiliares modais, incluindo entre eles os verbos que expressam possibilidade ou capacidade, como *poder*, sem nenhuma alusão à ambiguidade desse verbo.

Fora do âmbito das gramáticas normativas, que pouco elucidam sobre as características dos auxiliares modais, Mira Mateus et al. (1983) consideram que os verbos modais constituem por si só modalidades lexicalizadas e empregam o verbo *poder* para exemplificar as modalidades *epistêmica* e *deôntica*.

Koch (1981), desenvolvendo um estudo semântico-pragmático do modal *poder*, na perspectiva de uma “gramática comunicativa”, enfatiza o potencial comunicativo do português, enquanto sistema linguístico, ao explorar a polissemia desse auxiliar. Segundo a autora, esse é um dos “modais que, em língua portuguesa, apresenta maior número de matizes de significado, quer do ponto de vista puramente semântico, quer sob o ângulo de sua força ilocucionária” (KOCH, 1981, p. 103).

Assim, do ponto de vista semântico, o verbo *poder* exprime diversos valores. Um deles é permissão, conforme atesta o exemplo apresentado pela autora:

(01) Os alunos **podem** fumar na classe.

Nesse caso, seguindo a terminologia corrente nos estudos sobre a modalidade, o verbo *poder* é um modal deôntico. A modalidade deôntica, relacionada aos valores de permissão, obrigação e proibição, refere-se ao eixo da conduta; portanto está “condicionada por traços lexicais específicos ao enunciador ([+controle]) e, de outro lado, implica que o enunciatário aceite o valor de verdade do enunciado, para executá-lo” (NEVES, 1996, p. 172).

Segundo Lyons (1977), a modalidade deôntica se aplica a uma proposição relacionada à necessidade ou à possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis; porém o que essa proposição descreve não é um ato propriamente dito, mas o estado-de-coisas que será obtido se o ato em questão for cumprido. Comparando a modalidade deôntica à epistêmica, Lyons observa que a necessidade deôntica (a obrigação) é sempre derivada de alguma fonte ou causa, que pode ser algo ou alguém; pois,

Se X reconhece que ele é obrigado a realizar algum ato, então normalmente há alguém ou alguma coisa que ele reconhecerá como responsável pelo fato de estar obrigado a agir dessa forma. Pode ser uma pessoa ou uma instituição a cuja autoridade ele se submete; pode ser um corpo de princípios morais ou legais mais ou menos explicitamente formulado; pode ser apenas alguma compulsão interna, que lhe é difícil de identificar e precisar. (LYONS, 1977, p. 824)

Outro valor do verbo *poder* é possibilidade, exemplificado em (02):

(02) **Pode** chover amanhã.

Nesse caso, o verbo é uma forma lexical de manifestação da modalidade epistêmica. A modalidade epistêmica está relacionada com o conhecimento ou crença que cada locutor tem (ou diz ter) dos estados-de-coisas relacionados em seu discurso (GASPARINI-BASTOS, 2004, p. 120). Essa modalidade, que se refere ao eixo do conhecimento, envolve os seguintes conceitos: certo, provável, contestável e excluído. Quirk (1985) afirma que a modalização epistêmica pode ser entendida como o julgamento humano do que é possível acontecer. De acordo com Dall’Aglio-Hattner (1995), por meio da modalização epistêmica, o falante avalia como certa ou possível a realidade de um estado-de-coisas ou a veracidade de uma proposição, o que faz a partir de um conjunto de conhecimentos e crenças.

Além desses valores, o verbo *poder* também exprime capacidade (física, moral ou legal) ou habilidade, como mostram os exemplos:

(03) Ele **pode** caminhar muitas léguas sem se cansar. (capacidade física)

- (04) Os pais **podem** aconselhar bem os filhos. (capacidade moral)
- (05) O maior de 18 anos **pode** contrair matrimônio sem autorização do pai ou responsável. (capacidade legal)
- (06) Ele **pode** fazer várias coisas ao mesmo tempo. (habilidade)

Quando exprime esses valores, o verbo *poder* é considerado um modal dinâmico. A modalidade dinâmica, proposta por Palmer (1979), diz respeito justamente aos valores expressos por esse verbo, isto é, capacidade e habilidade. Ao comparar os tipos de modalidade que investiga na língua inglesa, o autor afirma:

Nós podemos, talvez, especular sobre as formas como os diferentes tipos de modalidade podem estar relacionados. Se considerarmos um evento ou uma proposição como um estado-de-coisas, nós começamos com a modalidade epistêmica que apenas afirma que tal estado-de-coisas é possível ou necessário. A modalidade dinâmica sugere, no entanto, que há circunstâncias no mundo real que tornam possível ou necessária a realização desse estado-de-coisas. Com a modalidade dinâmica neutra, essas circunstâncias são gerais (e talvez o termo “circunstancial” seja melhor que neutra para indicar isso), e com a modalidade dinâmica orientada para o sujeito, elas são características do sujeito. (PALMER, 1979, p. 39)

Com a modalidade dinâmica orientada para o sujeito, Palmer (1979) considera a expressão da possibilidade como uma capacidade/habilidade, contrariando a lógica aristotélica que relaciona a expressão da capacidade à modalidade alética.

Em trabalho posterior sobre modalidade dinâmica, Palmer (1986) afirma que uma frase como “João pode falar italiano” expressa o que parece ser uma afirmação factual não-modal, pois “não envolve nem a atitude nem a opinião do falante (exceto a de que se trata de uma verdade), mas apenas afirma que João tem a habilidade de falar italiano” (PALMER, 1986, p. 102). Com essa observação, Palmer admite que a modalidade dinâmica poderia ser descartada da tipologia das modalidades, mas sugere a sua manutenção em função de sua importância para a compreensão do significado dos verbos modais.

Além de apontar os diversos matizes e significados do verbo, Koch (1981) registra também que, em certos enunciados, ocorre ambiguidade entre poder-possibilidade, poder-capacidade e poder-permissão. Para exemplificar, cita o enunciado *A menina pode comprar o bolo*, que pode receber as seguintes leituras: a) a menina tem o poder de comprar o bolo, isto é, tem dinheiro suficiente (poder = capacidade); b) a menina tem permissão para comprar o bolo (poder = permissão); c) é possível que a menina compre o bolo (poder = possibilidade).

Em função do valor polissêmico do modal *poder* como elemento de um sistema linguístico, precisamos buscar elementos que revelem a leitura adequada no contexto em que esse auxiliar é empregado. A esse respeito, Coracini (1991) afirma que “as ‘marcas modais’ em si não determinam *a priori* o ponto de vista do sujeito enunciatador nem as interpretações possíveis: sua presença ou ausência aponta apenas para uma possível interpretação do texto” (CORACINI, 1991, p. 120).

A partir dessas considerações, temos como proposta analisar o verbo auxiliar modal *poder* no discurso de autoajuda em português brasileiro e em espanhol peninsular, investigando em que medida o contexto contribui para uma leitura adequada do verbo e

consequente solução da ambiguidade. Para tanto, baseamo-nos em estudos funcionalistas que tratam da conceituação das modalidades.

No próximo item, apresentamos a proposta de tratamento funcional das modalidades de Hengeveld (2004), na qual vamos nos basear para analisar o verbo auxiliar *poder*.

As modalidades segundo Hengeveld (2004)

As modalidades são classificadas, segundo Hengeveld (2004), a partir de dois critérios principais: o **alvo de avaliação**, ou seja, a parte do enunciado que é modalizada, e o **domínio semântico**, que indica a perspectiva a partir da qual a avaliação é feita. Considerando o alvo de avaliação, Hengeveld (2004) fala em modalidades orientadas para o participante, para o evento e para a proposição. Pelo domínio semântico, o autor classifica as modalidades em facultativa,¹ deôntica, volitiva, epistêmica e evidencial.

Tratados conjuntamente, os parâmetros apresentados resultam nas seguintes possibilidades: modalidade facultativa orientada para o participante ou para o evento; modalidade deôntica orientada para o participante ou para o evento; modalidade volitiva orientada para o participante, para o evento ou pra a proposição; modalidade epistêmica orientada para o evento ou para a proposição; modalidade evidencial orientada para a proposição. Na sequência, apresentamos brevemente cada tipo de modalidade.

Modalidade facultativa

Na modalidade facultativa orientada para o participante, descreve-se “a habilidade de um participante no evento designado pelo predicado. Em algumas línguas, faz-se a distinção entre habilidade intrínseca (‘ser capaz de’) e habilidade adquirida (‘saber como’)” (HENGEVELD, 2004, p. 1194), exemplificadas, respectivamente em (07) e (08):

(07) Você pode mudar a sua vida.

(08) Nós sabemos como educar nossos filhos.

A modalidade facultativa orientada para o evento “caracteriza os eventos em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitam a sua ocorrência” (HENGEVELD, 2004, p. 1195). Nesse tipo de modalidade, a possibilidade de ocorrência de um evento, que não depende das capacidades intrínsecas do participante, está ligada às circunstâncias em que o evento ocorre, como atesta o exemplo (09):

(09) Com a paralisação dos funcionários, os alunos não podem mais usar a biblioteca da escola.

Modalidade deôntica

A modalidade deôntica orientada para o participante descreve um participante que se encontra sob uma obrigação ou que tem uma permissão para se engajar no evento designado pelo predicado, como em (10):

(10) Você não pode fazer isso.

¹ A modalidade facultativa proposta por Hengeveld (2004) pode ser tratada como equivalente à modalidade dinâmica proposta por Palmer (1979, 1986).

Quando orientada para o evento, descreve a existência de obrigações, permissões e proibições gerais, sem que o sujeito enunciador assuma a responsabilidade por esses julgamentos. Essa qualificação é mais comum em construções unipessoais (exemplo (11)), apesar de ocorrer também em construções pessoais (exemplo (12)).

(11) É proibido pedir esmolas.

(12) Não podemos pedir esmolas.

Modalidade volitiva

A modalidade volitiva orientada para o participante descreve o desejo de um participante de se engajar no evento descrito pelo predicado. Se orientada para o evento, caracteriza um evento como desejável ou indesejável, sem o envolvimento do sujeito enunciador nessa avaliação. Já na modalidade volitiva orientada para a proposição, o sujeito enunciador (e não o participante do evento descrito na oração) é a fonte da atitude volitiva expressa na proposição. Os exemplos (13), (14) e (15) correspondem, respectivamente, à modalidade volitiva orientada para o participante, para o evento e para a proposição.

(13) João quer nadar todos os dias.

(14) É desejável que todos compareçam à reunião.

(15) Quero que nosso povo não sofra mais.

Modalidade epistêmica

Nos casos de modalidade epistêmica orientada para o evento, um evento é caracterizado como possível ou não a partir do que é sabido sobre o mundo (exemplo (16)). Na modalidade epistêmica orientada para a proposição (exemplo (17)), a qualificação modal especifica “o grau de comprometimento do sujeito enunciador com relação à proposição que ele apresenta” (HENGEVELD, 2004, p. 1192).

(16) A crise pode durar muito.

(17) Provavelmente, não vamos obter sucesso assim.

Modalidade evidencial

A modalidade evidencial diz respeito à fonte da informação contida no enunciado e ao modo como o enunciador obteve essa informação. Os diferentes tipos de fonte (o falante, uma fonte definida ou indefinida ou ainda um conhecimento comum) e o modo como o falante obteve a informação são responsáveis pelos diferentes graus de confiabilidade da informação expressa pela proposição, como mostram os exemplos (18) e (19), nos quais as diferentes fontes de informação (uma fonte externa ou o próprio falante, respectivamente) alteram a maneira como a informação é recebida:

(18) Dizem que a riqueza depende de sorte.

(19) Sei que o sucesso só depende de nós mesmos.

Na sequência, veremos os valores específicos assumidos pelo verbo modal *poder* no discurso de autoajuda em português e em espanhol, seguindo Neves (2006), para quem diferentes tipos textuais favorecem diferentes modalidades.

Valores assumidos pelo verbo modal *poder* em português e em espanhol

A partir da classificação feita por Hengeveld (2004) e considerando os empregos possíveis do verbo *poder*, é possível depreender que esse auxiliar modal pode assumir os seguintes valores, tanto em português como em espanhol: modal facultativo orientado para o participante (exemplos (20) e (21)), modal deôntico orientado para o participante (exemplos (22) e (23)), modal epistêmico orientado para o evento (exemplos (24) e (25)).

- (20) **Posso** correr duas horas sem parar.
- (21) **Puedo** nadar hasta el límite de mis fuerzas.
- (22) Você já **pode** se retirar.
- (23) Ya **puedes** empezar el examen.
- (24) O calor **pode** durar muito ainda.
- (25) La fiesta **puede** ser una buena oportunidad para distraerse.

Na sequência, procuramos verificar como essas diferentes manifestações de modalidade, vinculadas ao emprego do verbo auxiliar *poder*, ocorrem no discurso de autoajuda em português e em espanhol, usando como *cópus* dois manuais representativos desse discurso em ambos os idiomas (RIBEIRO, 1992² para os dados do português e TIERNO, 2008 para os dados do espanhol).³ Procuramos pistas no contexto de ocorrência que nos permitam realizar a leitura correta do verbo, dada sua ambiguidade nos dois idiomas.

O verbo *poder* no discurso de autoajuda

A análise do discurso de autoajuda em ambos os idiomas revelou que esse discurso sustenta que todas as pessoas têm condições de realizar seus sonhos, que têm a capacidade de atrair coisas boas ou ruins de acordo com a atitude mental e que, portanto, também têm o poder de mudar os aspectos da vida com os quais não estão satisfeitas.

Em função do tipo de *cópus* investigado, hipotetizamos que o emprego do auxiliar *poder* como modal facultativo, que exprime capacidade, deveria ser frequente nos dados, o que realmente foi verificado, enquanto o emprego de *poder* como modalizador epistêmico orientado para o evento é mais baixo. Para realizarmos o levantamento, consideramos que, em enunciados como os apresentados a seguir, o verbo *poder* é de capacidade:

- (26) Do mesmo modo, **podemos** criar Sucesso na nossa vida. (RIBEIRO, 1992, p. 26)

² Os dados do português pertencem ao *cópus* organizado por Brunelli (2004).

³ Tanto os textos do português como os textos do espanhol foram escritos originalmente nas respectivas línguas.

- (27) El secreto está en preocuparse de aquella parte de la situación o problema que **podamos** controlar. (TIERNO, 2008, p. 46)

Desse modo, com relação ao emprego de *poder*, tais enunciados podem receber as seguintes leituras, respectivamente:

- (26') "Do mesmo modo, nós temos a capacidade de / a habilidade de / o poder de criar Sucesso na nossa vida" ou "Do mesmo modo, nós conseguimos criar Sucesso na nossa vida".
- (27') "El secreto está en preocuparse de aquella parte de la situación o problema que tengamos la capacidad de / la habilidad de / el poder de controlar" ou "El secreto está en preocuparse de aquella parte de la situación o problema que consigamos controlar".

Lembremos que, segundo Palmer (1979), a modalidade dinâmica (facultativa, para Hengeveld, 2004) sugere que há circunstâncias no mundo real que tornam possível ou necessária a realização de um estado-de-coisas. Na modalidade facultativa, presente nos exemplos em questão, essas circunstâncias são características do sujeito. Sendo assim, os exemplos (26) e (27) podem ser entendidos também da seguinte forma:

- (26'') "Do mesmo modo, nós somos tais que conseguimos criar Sucesso na nossa vida", ou "Do mesmo modo, nós temos tais propriedades que conseguimos criar Sucesso na nossa vida", ou ainda "Do mesmo modo, nós temos a capacidade de criar Sucesso na nossa vida";
- (27'') "Nós conseguimos controlar uma situação ou um problema" ou "Nós temos propriedades por meio das quais conseguimos controlar uma situação ou um problema" ou "Nós temos a capacidade de controlar uma situação ou um problema".

A leitura epistêmica desses mesmos enunciados nos daria as seguintes paráfrases:

- (26''') É possível que nós consigamos criar Sucesso na nossa vida.
- (27''') É possível que consigamos controlar uma situação ou um problema.

Na leitura em questão, o sujeito-enunciador estaria avaliando a possibilidade de ocorrência de um estado-de-coisas, isto é, manifestando incerteza a respeito do que diz. Embora essa leitura seja perfeitamente possível para esses enunciados se estivessem em outros contextos, ou mesmo fora de contexto, no discurso em questão ela não parece ser a mais adequada, em função de outros enunciados que compõem o discurso de autoajuda. Tais enunciados dizem respeito a uma das teses fundamentais desse discurso, segundo a qual o sucesso está diretamente ligado à crença na própria capacidade de concretizar os seus desejos, ou seja, quem acredita que vai conseguir sucesso, dinheiro, saúde, etc., consegue e quem duvida, não. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade (daí outra versão bastante corrente dessa tese: "a realidade é fruto do pensamento").

Assim, como o sujeito enunciador desse discurso prega aos seus interlocutores que eles acreditem no próprio potencial para mudar de vida e alcançar o sucesso como uma condição para que seus anseios e projetos se realizem, seria muito improvável que, em seu próprio discurso, ele manifestasse incerteza a respeito das teses que apresenta. Por isso, para os enunciados em questão, entendemos que a leitura dinâmica é a mais adequada.

Reforçam essa leitura os contextos em que se encontram os enunciados que estamos analisando. Vejamos, por exemplo, o parágrafo no qual se encontra o exemplo (26) em português: “A cada momento estamos criando em nosso cérebro a nossa própria realidade. Do mesmo modo, podemos criar Sucesso na nossa vida” (RIBEIRO, 1992, p. 26); e o exemplo (27) em espanhol: “El secreto está en preocuparse de aquella parte de la situación o problema que podamos controlar. Es mejor que obtengas éxito en ese primer control de parte de los problemas para darte confianza y seguridad”. Parece-nos claro que esses fragmentos podem ser parafraseados da seguinte forma: “Como somos nós que criamos a nossa própria realidade em nosso cérebro, nós conseguimos também criar sucesso na nossa vida” ou ainda “Nós podemos controlar nossos problemas”. Trata-se mais da revelação de um poder/de uma capacidade da mente humana do que da manifestação de uma incerteza.

Em função desses esclarecimentos, passamos a investigar a possibilidade de considerarmos ocorrências de modalidade facultativa também as ocorrências do auxiliar *poder* nos enunciados que nos pareceram ambíguos inicialmente, nos quais a leitura epistêmica seria provavelmente a mais óbvia, se esses enunciados estivessem fora do contexto em que estão inseridos. Assim, um exemplo como:

- (28) Você **pode** ser hoje uma pessoa bem diferente do que era há cinco ou dez anos atrás. (RIBEIRO, 1992, p. 25)

pode receber as seguintes leituras:

- (28') É possível que você seja hoje uma pessoa bem diferente do que era há cinco ou dez anos atrás (poder como modal epistêmico orientado para o evento);
- (28'') Você é tal (ou “tem tais propriedades”) que consegue / que tem as condições para ser hoje uma pessoa bem diferente do que era há cinco ou dez anos atrás (poder como modal facultativo orientado para o participante).

O enunciado em questão aparece inserido no seguinte contexto: “É preciso dar oportunidade para que as pessoas e as coisas possam mudar. Inclusive você. Você pode ser hoje uma pessoa bem diferente do que era há cinco ou dez anos atrás”. Parafraseando, temos: “é preciso dar oportunidade para que as pessoas e as coisas consigam/tenham condições de mudar”. Verificamos, portanto, que o sujeito enunciativo está se referindo à não fixidez das situações, ao fato de que elas são passíveis de uma alteração; assim, em função do contexto em que se encontra o enunciado (28), entendemos que a classificação facultativa do modal *poder* é mais adequada.

Embora normalmente apenas os seres animados tenham habilidades, Palmer (1979) entende que a modalidade facultativa, a que ele chama de dinâmica, também se aplica a seres inanimados, indicando que eles têm as qualidades necessárias ou o poder para provocar a realização de um evento. Ou seja, enunciados cujo sujeito é um ser inanimado também admitem dupla leitura (facultativa ou epistêmica). Vejamos alguns exemplos e as leituras possíveis:

- (29) Assim é na vida, tudo que acontece **pode** ser sorte ou azar. (RIBEIRO, 1992, p. 106).

- (29') Assim é na vida, tudo que acontece é possível que seja sorte ou azar. (leitura epistêmica)

- (29'') Assim é na vida, tudo que acontece é tal (ou tem tais propriedades/características) que tem condições de ser sorte ou azar. (leitura facultativa)
- (30) O azar **pode** ser sorte. (RIBEIRO, 1992, p. 103)
- (30') É possível que o azar seja sorte. (leitura epistêmica)
- (30'') O azar é tal que tem condições de ser sorte. (leitura facultativa)

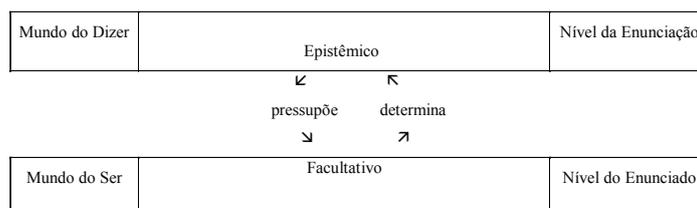
Para os exemplos (29) e (30), a leitura facultativa pode parecer pouco esperada. Entretanto, essa leitura nos parece autorizada em função de certos enunciados que encontramos no *cópus*, como:

- (31) A realidade é algo subjetivo. (RIBEIRO, 1992, p. 21)
- (32) Com a expansão da mente e a mudança de percepção, através de técnicas como as que ensinamos neste livro e em nossos cursos, é possível inverter esta relação e criar uma nova realidade. (RIBEIRO, 1992, p. 27)
- (33) Con razón se dice que la mente (actitud mental positiva) puede sanar el cuerpo. (TIERNO, 2008, p. 112)

Assim, ao afirmar “o azar pode ser sorte”, o sujeito enunciador está, na verdade, tratando de uma das características, das propriedades do “azar” (mais exatamente de sua mutabilidade, de sua condição de ser alterado) e não simplesmente manifestando uma incerteza a respeito do que diz. É como se estivesse dizendo a seus leitores: “diante do poder da mente, nada na vida é definitivo, conseguimos alterar todas as situações, conseguimos até mesmo transformar uma situação ruim, isto é, uma situação de azar”.

Por outro lado, como o discurso de autoajuda insiste na importância da crença, uma outra paráfrase possível para o enunciado (30) seria: *Para quem acredita, o azar é sorte*. Desse modo, embora não estejamos descartando a leitura epistêmica de enunciados como o exemplo (30), acreditamos que o contexto no qual se encontra nos leva também à leitura facultativa

De fato, essa possibilidade de uma dupla leitura epistêmica e facultativa tem seus fundamentos além dos enunciados em análise, pois existe mesmo um vínculo especial entre essas modalidades, o qual conduz a nossa atenção para a relação entre enunciado e enunciação. A esse respeito, reportamo-nos a Neves (1999-2000), segundo a qual “as quatro modalidades representam realces perceptivos da fronteira entre enunciação e enunciado” (p. 100). Para cada modalidade, há uma orientação diferente, o que a autora esclarece a partir de um esquema, do qual reproduzimos a seguir, de uma forma simplificada, a parte que se refere às modalidades epistêmica e facultativa:⁴



Esquema 1 (adaptado de Neves, 1999-2000)

⁴ No esquema que apresenta, a autora trata também da relação entre a modalidade deôntica e a alética.

Pelo esquema, notamos que os modais facultativos levam verticalmente aos epistêmicos. Essa relação, de acordo com a autora, nasce do fato de que, do ponto de vista pragmático, os epistêmicos pressupõem os facultativos: alguém crê que alguém fará algo, porque está capacitado para isso. Já numa visão horizontal, os epistêmicos afetam o mundo do dizer (o crer), enquanto os facultativos afetam o mundo do referente, pois o fazer é uma faceta do ser.

Nesse mesmo trabalho, Neves (não precisa da ref aqui, Rô?) apresenta os resultados de pesquisa que fez sobre o valor polissemico dos verbos modais no português contemporâneo. Analisando textos escritos, verifica que o verbo *poder* é empregado essencialmente (em 75% dos casos) como epistêmico (orientado para o participante, segundo a classificação que estamos adotando).

Com os esclarecimentos que encontramos no trabalho de Neves (1999-2000), podemos dizer que o discurso de autoajuda segue uma tendência contrária à maior parte dos discursos correntes a partir dos quais os sujeitos enunciam que são, provavelmente, bem menos otimistas que esse discurso. O discurso de autoajuda desperta, ou melhor, revigora no verbo *poder* o matiz de sentido facultativo que se encontra por trás do seu valor epistêmico.

Embora o valor facultativo sempre esteja presente nos empregos epistêmicos do verbo *poder* (conforme o esquema apresentado por Neves), ele não se manifesta necessariamente em qualquer discurso, ao contrário do que acontece com o discurso de autoajuda, que resgata esse valor, o que provoca, certamente, um enfraquecimento no valor epistêmico desse auxiliar como recurso para manifestar incerteza.

Considerações finais

Neste trabalho, refletimos sobre alguns aspectos relativos ao emprego do verbo auxiliar *poder* no português brasileiro e no espanhol peninsular.

Inicialmente, notamos que a literatura a seu respeito não segue uma única tendência: enquanto as gramáticas normativas pouco ou nada dizem sobre a polissemia do verbo, as análises linguísticas destacam seu valor epistêmico e deôntico, o que se deve, provavelmente, ao tipo de *cópus* utilizado para a análise.

Por outro lado, na análise que desenvolvemos, tendo como *cópus* textos representativos do discurso da autoajuda, notamos que o verbo *poder* é empregado frequentemente como um modal facultativo, tanto nos dados do português como nos dados do espanhol. A leitura facultativa é favorecida até mesmo nos casos de possível ambiguidade, o que revela que contextos específicos podem determinar o predomínio de um dado efeito de sentido associado ao emprego do verbo.

Como proposta para estudos posteriores, pretendemos ampliar o *cópus* de análise, a fim de verificar que outros elementos podem (des)favorecer a ambiguidade nos contextos em que o verbo *poder* é empregado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

- BRUNELLI, A. F. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de autoajuda*. 2004. 149 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 21. ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ/ Campinas: Pontes, 1991.
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. 12. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1990.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DALL’AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. 1995. 163p. Tese (Doutorado em Letras. Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- GASPARINI-BASTOS, S. D. *Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico: análise de entrevistas jornalísticas no espanhol e no português*. 2004. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- HENGEVELD, K. Mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds.). *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.1190-1202.
- KOCH, I. G. V. O verbo *poder* numa gramática comunicativa do Português. *Cadernos da PUC*, São Paulo: Cortez, n.8, p.103-113, 1981.
- KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado IV*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 163-199.
- _____. A modalidade: um estudo de base funcionalista na Língua Portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 23, p. 97-123, 1999-2000.
- _____. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. In: _____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 151-221.
- PALMER, F. R. *Modality and the English modals*. New York: Longman, 1979.
- _____. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.
- QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the English language*. 7. ed. London: Longman, 1985.
- RIBEIRO, L. *O sucesso não ocorre por acaso*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- SACCONI, L. A. *Nossa gramática: teoria e prática*. 18. ed. São Paulo: Atual, 1994.
- TIERNO, B. *Aprendiz de sabio*. 5. ed. Barcelona: Debolsillo, 2008.